



Ana Paula Araujo<sup>1</sup>

[rockndazs@gmail.com](mailto:rockndazs@gmail.com)

Iuana Réus<sup>2</sup>

[iuanareus@gmail.com](mailto:iuanareus@gmail.com)

## TEORIA DA DÁDIVA E TEORIA CRÍTICA - O INÍCIO DE UM DIÁLOGO

O propósito deste ensaio é verificar possíveis relações entre a Teoria Crítica e a Teoria da Dádiva, onde o dom é trazido como uma possibilidade prática à Teoria Crítica. A proposição sociológica de Marcel Mauss (2003), em o *Ensaio sobre a dádiva*, estudou, sob novo ângulo, a natureza das relações sociais, contemplando as dimensões subjetivas – e historicamente negligenciadas – presentes neste tipo de interação. Para além do cálculo, a teoria da dádiva busca evidenciar a solidariedade, a gratidão, o espírito cívico e outros conteúdos substantivos presentes nas interações vividas intencionalmente pelos indivíduos. Ao passo que o pensamento moderno e cartesiano pretendeu substituir a não-racionalidade ou reflexo animal pelo racionalismo – que foi transmutado basicamente em racionalidade instrumental-econômica – a Teoria da Dádiva, em uma proposta audaciosa, busca ser uma nova possibilidade ao funcionalismo em virtude do evidenciamento de novos elementos nas relações sociais. A tradição utilitarista pressupõe um caráter puramente instrumental às interações sociais, de modo que o interesse econômico é visto como motivador supremo dos laços sociais, que são reduzidos a negócios cujas trocas estão sempre baseadas em valores econômicos. Assim, se as relações sociais são trocas meramente mercantis, apenas o que tem valor de mercado é levado em conta. A base ontológica parte do *homo economicus*, puramente egoísta, pragmático e economicamente interessado das relações. A esfera do mercado se confunde ou é o próprio mundo da vida. Os teóricos do dom reconhecem o caráter interessado das relações, contudo, este interesse não é necessariamente (e apenas) econômico. Há interesse pelo vínculo, pela prática da caridade, da cooperação, da retribuição, pois nem tudo é ainda categorizado em termos de compra e venda. “As coisas possuem valor sentimental além do seu valor venal, se é que há valores que sejam apenas desse gênero” (MAUSS, 2003). Visto assim, a teoria do dom é aqui colocada como uma abordagem de análise das relações humanas – inclusive econômicas e políticas – capaz de orientar novas práticas de gestão, ensino, *design* de políticas públicas, comportamento social, entre outras ações; possivelmente mais adequadas à visão de mundo compartilhada pelos pensadores da Teoria Crítica, que buscam na emancipação humana e no resgate de valores perdidos na Modernidade – como a valorização dos laços comunitários e das subjetividades aí presentes – uma possibilidade de transformar a realidade recente, tomada pelos invasivos valores do mercado enquanto modelo intransponível de reprodução social. Os pesquisadores da dádiva ressaltam que, muito embora, o dom não seja uma temática e uma crença intensamente discutidas no ambiente acadêmico e organizacional, ele está presente em grande parte das nossas relações e atitudes. O trabalho voluntário, o trabalho atencioso dedicado a um paciente por profissionais de saúde ou da administração pública, a prestação de um socorro ou de um favor ao outro, a troca de lembranças são práticas muito presentes da vida em sociedade, sem as quais, diz Aristóteles – citado por Goudbout (1997) – não haveria qualquer ordem política possível. Diz Goudbout que o dom é a própria amálgama da vida em so-

<sup>1</sup> Mestranda em Administração (ESAG/UDESC)

<sup>2</sup> Mestranda em Administração (ESAG/UDESC)

cidade. Na prática, cada indivíduo vive inserido em grupos de uniões, de amizades, de camaradagens ou amores, de alianças duradouras ou temporárias, mas que nem poderiam ter surgido se estes se conformassem com os pressupostos advindos de teorias da ação racional ou da *public choice* (CAILLÉ, 2002). A dádiva nos lembra que nossa vida não se passa nas abstratas esferas do Mercado ou do Estado. Demonstra Godbout (1997) que antes de ocupar funções econômicas, políticas ou administrativas, os seres humanos são pessoas e seu espaço de vida é a sociedade ou comunidade. Vivemos em um mundo de relações; e as relações entre os indivíduos são anteriores às relações com aqueles entes. É neste ponto que vislumbramos uma grande aproximação Teoria da Dádiva e Teoria Crítica. Por ter como gênese o questionamento do modo de vida e da racionalidade moderna, a teoria crítica é a alternativa epistemológica ao *mainstream* funcionalista por buscar novas formas de conhecimento e de vida coletiva (VIEIRA; CALDAS, 2006). A partir destes pressupostos, buscamos construir um quadro de análise com as principais contribuições apresentadas pelas teorias em estudo relacionando-as com a valorização dos laços sociais e à emancipação do indivíduo. Adotamos como elementos de análise para a elaboração do quadro as seguintes dimensões: social, econômica e política. O artigo será dividido em quatro partes. Na primeira, será introduzido o debate sobre a dádiva, em especial as obras de Marcel Mauss, Jacques Godbout e Alain Caillé. A segunda busca sintetizar e discutir a Teoria Crítica. Nesse caso, a obra de Guerreiro Ramos, e de alguns de seus seguidores, foi escolhida para protagonizar as discussões, uma vez que é considerada por nós uma produção suficientemente representativa e densa da perspectiva crítica. A terceira parte delinea essa possível relação entre a Teoria da Dádiva e a Teoria Crítica. A quarta etapa apresenta as considerações finais do ensaio.

**PALAVRAS-CHAVE:** teoria crítica, dádiva, relações sociais.

## REFERÊNCIAS

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

VIEIRA, Marcelo; CALDAS, Miguel. Teoria Crítica e Pós-Modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **RAE**, v.46, n.1, 2006.